

REESTRUTURAÇÃO CAPITALISTA E SOCIALISMO*

David Harvey**

A mudança que enfrentamos, portanto, deve reorientar o projeto socialista para condicioná-lo aos nossos dias, sem ser levado pela correnteza de qualquer vento capitalista que sopra.

Nunca foi fácil chegar a um acordo com relação ao dinamismo do capitalismo - o fato é que ele é uma força em constante movimento, revolucionária e com um poder de cooptação nos assuntos mundiais. Enquanto ainda se podem encontrar no capitalismo todas as injustiças gritantes, inseguranças, insanidades e desigualdades contra as quais os socialistas tradicionalmente lutaram, será difícil sustentar que elas são quantitativamente ou mesmo qualitativamente iguais na atualidade às que foram nos anos 60 ou 30, pelo menos nos países capitalistas avançados. A mudança que enfrentamos, portanto, deve reorientar o projeto socialista para condicioná-lo aos nossos dias, sem ser levado pela correnteza de qualquer vento capitalista que sopra.

É difícil para os socialistas se ajustarem às condições de mudança, em parte devido ao fato dos movimentos socialistas permanecerem assentados sobre a força conservadora da tradição da classe operária - a necessidade de de-

fender no presente os interesses constituídos da classe operária a todo custo - enquanto fazem um discurso de mudança radical no aqui e agora. O desejo de preservar a integridade, diga-se de uma comunidade de mineiros marcada por relações perversas de exploração capitalista pode levar-nos a uma luta política para manter a mina aberta a todo custo, ao invés de considerar de forma totalmente nova a produção e distribuição de energia.

Um estudo minucioso da dinâmica transformadora e da revolução tecnológica e organizacional no capitalismo é, portanto, um passo chave no sentido de gerar novas visões de socialismo. Se foi correto o sustentado por Marx de que nenhuma nova ordem social emerge enquanto suas pré-condições são totalmente desenvolvidas nos marcos da velha, então os socialistas devem olhar com muito cuidado todos os novos desenvolvimentos dentro do capitalismo - não só para avaliar seus impactos nas relações de classe, exploração, formação de crises e condições sociais de existência, mas também considerar como tais mudanças podem, sob diferentes conjuntos de relações sociais, prefigurar como o socialismo poderia funcionar melhor. Por exemplo, a automação, computadorização e novas capacidades para introduzir maior flexibilidade no sistema produtivo e no mercado de trabalho podem ser ferramentas nas mãos do capital para disciplinar e depois descartar o trabalhador; mas isso não significa que tais práticas não exerçam um papel nas estratégias socialistas para o futuro.

É claro que há muitas ciladas e possibilidades escondidas em tomar tal posição. Penso que é preciso tornar claro

que muitos argumentos correntes no campo socialista relativos a noções como "pós-fordismo", "acumulação flexível", "especialização flexível", "pós-modernismo" e outros sobre como e em que grau as mudanças em curso têm potencial socialista ou se são inteiramente subservientes ao capitalismo e seriam absolutamente resistentes.

A nova flexibilidade capitalista

A depressão de 1973-75 produziu uma onda de mudanças no desenvolvimento capitalista. O *boom* dos vinte anos do pós-guerra que os precederam produziram altas taxas de crescimento (acima de 4,4% ao ano), um desemprego relativamente baixo, inflação relativamente controlada e taxas de câmbio e *commodities* estáveis na maioria do mundo capitalista avançado. As mudanças tecnológicas e organizacionais durante este período vincularam-se na maioria das vezes a uma expansão gradual e extensão de sistemas tecnológicos mais antigos desenvolvidos antes e durante a Segunda Guerra Mundial. A hegemonia dos EUA e a geopolítica profundamente marcada pela Guerra Fria ancorou esse capitalismo pós-guerra militarmente, economicamente e politicamente.

Após a depressão de 1973-75, as economias capitalistas entraram num período difícil de reajuste e reestruturação, marcado por baixas taxas de crescimento (aproximadamente 2,2% ao ano

*Traduzido de *Socialist Review* (vol.21, n° 1, 1991) por Dina Lida Kinoshita.

**Professor de Geografia da Universidade de Oxford e autor de *A condição pós-moderna*.

de 1973 a 1988), alto desemprego e inflação e ruptura da hegemonia dos EUA. Como resposta a estas pressões sobre os lucros, as corporações empreenderam um processo extensivo de ajuste envolvendo mudanças tecnológicas (computadorização, telecomunicações), reorganização das técnicas de produção (tais como o desenvolvimento de sistemas "just-in-time"), reestruturação financeira, inovação de produto e expansão maciça da produção cultural e da imagem. Foi enfatizada a flexibilidade nos sistemas de produção e o mercado altamente direcionado ou de "nichos" como novas metas para o esforço capitalista.

Outro aspecto deste processo do capitalismo em reestruturação foi um deslocamento na divisão geográfica do trabalho como resultado da contencionalização (o carregamento direto de containers aos navios), transporte de carga por jatos e as telecomunicações. Os anos 70 e 80 assistiram a uma vasta dispersão geográfica da produção, mesmo de componentes e partes; o rápido deslocamento internacionalizado das mercadorias, através das quais mesmo itens de baixo valor como a cerveja tornaram-se assunto de comércio internacional; e o surgimento de mercados financeiros globais altamente voláteis na esteira da ruptura do acordo de Bretton Woods, que - refletia o domínio econômico dos EUA entre 1945 e 1973 - havia fixado as moedas de outros países ao padrão de câmbio do dólar americano. Uma competição acirrada entre diferentes centros de produção tanto dentro dos países (por exemplo, a flutuação da produção do Norte e Leste para o Oeste e o Sul nos EUA) e internacionalmente - entre EUA, Alemanha Ocidental, Itália e Japão, de um lado, e os países recentemente industrializados (NICs), tais como a Coreia do Sul, Singapura, Taiwan, México e Hungria, do outro - levou a uma racionalização da produção tanto geográfica como tecnologicamente. As corporações multinacionais esquadrinharam o globo visando novas oportunidades de lucro e prepararam-se para o abandono de suas bases locais para levar vantagem, levando capital e emprego para onde julgassem as condições mais propícias.

Todos esses deslocamentos tiveram implicações radicais para o funcionamento do mercado de trabalho, para os estilos e práticas de trabalho, para a

qualidade de vida e para os padrões de consumo. Mas enquanto as novas tecnologias emergentes deste processo de reestruturação não são per si antagônicas aos interesses da classe trabalhadora, a assim chamada "nova flexibilidade" foi introduzida quase que inteiramente em termos capitalistas - com consideráveis benefícios para a classe capitalista e sem nenhum ganho (ou, em muitos casos, com perdas claras) para os trabalhadores.

Por exemplo, a rápida dispersão da produção pelas regiões subdesenvolvidas ou em desenvolvimento permitiu às companhias utilizar a mobilidade geográfica do emprego como uma ameaça ("Estabeleçam salários mais baixos e piores condições de trabalho ou iremos para a Coreia do Sul") nas sessões de negociação com os sindicatos que por longo tempo confinaram sua visão política ao Estado-Nação. Além disso, os governos nacionais tiveram cada vez mais dificuldade em controlar os fluxos do capital internacional e, independentemente de suas inclinações políticas, foram forçados a gradativamente disciplinar o trabalho a fim de atrair os investimentos multinacionais. A luta de classe dentro do Estado-Nação acirrou-se e ao mesmo tempo ambos, o governo e os movimentos da classe operária, tiveram seu espaço de manobra reduzido.

No período que se inicia em 1973 houve também uma reconfiguração da estrutura de classes em muitos países capitalistas avançados. Empregos na área de serviços (emprego na área financeira, de seguros, funcionalismo público e semelhantes) cresceram em importância relativa e a indústria cultural (as indústrias de cinema e TV, uma vasta rede de galerias de arte, festivais populares e assim por diante) floresceram. O que Daniel Bell denominou a "massa cultural" - milhões trabalhando nos meios de comunicação de massa, cinema, teatro, universidades, editoras, na indústria das comunicações e de publicidade, que processam e influenciam seriamente a recepção de produtos culturais e produzem materiais populares para a ampla audiência da cultura de massa - tornaram-se mais influentes tanto quantitativa quanto qualitativamente ao conformar os debates políticos, sociais e econômicos.

Todas essas mudanças demandam uma transformação radical no pensamento e ação socialistas. Até o momento

A luta de classe dentro do Estado-Nação acirrou-se e ao mesmo tempo ambos, o governo e os movimentos da classe operária, tiveram seu espaço de manobra reduzido.

as instituições e instrumentos tradicionais da classe operária mostraram-se muito rígidos ou limitados para responder a isso. Desde meados dos anos 70 os sindicatos, os partidos políticos radicais (tais como os comunistas europeus) e os movimentos de esquerda em geral perderam sua influência, legitimidade e, em alguns casos, um sentido claro de propósitos. "Os novos movimentos sociais" - incluindo os movimentos ecológico, feminista, pacifista, anti-racista e terceiro-mundista - ganharam maior impulso na consciência política durante este tempo, parecendo representar alternativas à classe operária como agente da emancipação humana. Mas estes movimentos são vítimas freqüentes da cooptação capitalista, e mesmo quando permanecem incontaminados pelo capitalismo, eles, com muita freqüência, mostram-se mais como forças fragmentadoras do que unificadoras.

Pior ainda, o segmento da esquerda que se encontra entre os produtores da cultura de massa (na academia, nos *media*, jornalismo e produção cultural) não só rompeu os laços sempre tênues com o movimento da classe operária enfraquecida, mas voltou-se para seus próprios interesses. Os esquerdistas nestas arenas passaram a enfatizar o valor da liberdade individual (noção suspeita baseada nas liberdades burguesas), desafio à autoridade (de qualquer tipo), "discursos desconstrutivos" e engajamento em todas as formas de jogos de palavras. Os radicais dentre os produtores da cultura de massa ficaram encantados com campos tais como a semiótica, como se o que realmente interessasse sobre os "sem teto" fosse a variedade de mensagens de protesto codificadas que uma caixa de papelão poderia carregar. Eles ficaram tão presos ao mundo imaginário

... o segmento da esquerda
que se encontra entre os
produtores da cultura de massa
(na academia, nos media,
jornalismo e produção cultural)
não só rompeu os laços sempre
tênuos com o movimento da
classe operária enfraquecida,
mas voltou-se para seus próprios
interesses.

de sua própria causa que falharam em examinar a que propósito real serve a construção da imagem. Como uma linha de defesa contra o ressurgimento de uma Nova Direita mais militante e agressiva dentro da categoria dos produtores da cultura de massa, todos esses desenvolvimentos podem ser úteis. Como meios para zombaria e desconstrução de objetos culturais, eles podem ser divertidos e efetivos. Mas como guias para o pensamento e ação construtivos eles são um desastre. Essa "yuppificação" de um segmento da esquerda, que é poderoso porque ele é articulado e baseado nos *media*, provou ser um problema real e significativo.

Por mais severo que esse retrato possa ser, há sinais promissores da reviravolta. Talvez a esquerda tenha chegado ao fundo, confrontada com a forte possibilidade de sua aniquilação como qualquer tipo de força política, venha a tomar um ponto de vista mais sensato sobre qual poderá ser seu projeto. Há correntemente duas linhas de discussão que, se forem resolvidas razoavelmente e pensadas propriamente, podem oferecer uma linha criativa de ofensiva (ao invés da defensiva) contra as depredações do sistema de classes capitalista onívoro e ganancioso. O primeiro deles é uma discussão aberta sobre a questão dos deslocamentos dentro do capitalismo, que ocorre largamente na análise das relações entre a acumulação "fordista" e "flexível". A segunda dá grande ênfase às condições de vida cultural e organiza-

ção política e abre o debate sobre as relações entre caminhos modernos e pós-modernos de pensar a produção cultural. Ao trazer ambos os debates, enfocamos um ângulo útil do qual é possível vislumbrar o potencial contemporâneo para a mudança política.

O pós-fordismo

Observadores mais atentos da cena capitalista desde os anos 70 admitem que algo importante ocorreu na organização capitalista de produção, consumo e acumulação. O debate acerca da natureza desses deslocamentos - freqüentemente concebida como "pós-fordismo", "especialização flexível" e "acumulação flexível" - tende a convergir para a idéia da "flexibilidade". É possível distinguir quatro tipos distintos de níveis de flexibilidade. É importante levar em conta estas distinções já que é muito fácil argüir por correlações na flexibilidade em geral quando a diferença entre tipos de flexibilidade não é ignorada.

Nível 1: O primeiro tipo de flexibilidade que os comentaristas têm discutido é a flexibilidade em relação aos processos de trabalho. Aqui o debate é focado sobre três questões. O primeiro é o grau a que o desdobramento flexível da força-de-trabalho dentro dos processos laborais (onde uma pessoa assume múltiplas tarefas, por exemplo) tornou-se difundida; alguns analistas vêem a nova flexibilidade como central e fundamentalmente importante, enquanto outros consideram-na ainda marginal. A segunda questão refere-se a como conceitualizar a flexibilidade: será o sistema japonês de flexibilidade altamente controlada, por exemplo, semelhante ao tipo de flexibilidade voluntarista encontrado nas cooperativas controladas por trabalhadores? O terceiro componente desse nível de debate refere-se à medida em que essas novas formas organizacionais e tecnológicas podem ser desdobradas para propósitos socialistas.

Meu próprio ponto de vista sobre estas questões é que a flexibilidade tem uma importância nada marginal, pode assumir várias formas e deve possuir um potencial socialista. Mas os novos sistemas têm sido empregados quase exclusivamente para o propósito de acumulação do capital (portanto prefiro caracterizar essas mudanças recentes pelo termo di-

reto "acumulação flexível" ao invés do mais neutro "especialização flexível"). As novas técnicas têm sido particularmente importantes na intensificação - aumentando a velocidade - do processo laboral. E, do meu ponto de vista, aqueles que procuram persuadir os sindicatos e outras organizações da classe operária a cooperar ao invés de resistir a esses novos sistemas, sem que mudem os padrões prevaletentes nas relações sociais, estão auxiliando a cooptação capitalista dos trabalhadores e não abrindo caminho para a emancipação da classe operária.

Nível 2: O segundo nível de flexibilidade é a flexibilidade nos mercados de trabalho: a proliferação de subcontratos, empregos de turno parcial e uma variedade de outros meios pelos quais a força-de-trabalho pode ser rapidamente realocada de um setor de produção a outro para satisfazer demandas sazonais ou outras flutuações. Enquanto ainda existem instâncias onde esta flexibilidade é útil aos trabalhadores (pais solteiros me vêm à mente, como exemplo), este tipo de flexibilidade tem sido usado pelo capitalismo na maior parte dos casos como uma maneira de se livrar de pensões e outros benefícios e encargos trabalhistas como seguro saúde, desemprego e outros. Em sistemas onde o trabalho é rigidamente disciplinado, mas usa a flexibilidade no processo de produção (como por exemplo nas grandes corporações japonesas ou suecas) - a necessidade de introduzir a flexibilidade no mercado de trabalho tem sido pequena. Na Inglaterra e Estados Unidos, no entanto, esse segundo nível de ação tem sido muito significativo como manobra de diminuição de custos. A busca de formas mais flexíveis de participação do trabalhador no mercado de trabalho é um objetivo razoável para os socialistas, desde que esta flexibilidade não seja acompanhada por perdas de segurança que ocorrem agora. Entretanto, esta estratégia até o momento não foi bem articulada no pensamento socialista corrente.

Nível 3: O terceiro nível de flexibilidade concentra-se nas questões da política do Estado. Os proponentes reclamam que a desregulação e/ou privatização, associada à redução do apoio estatal às instituições (tais como os sindicatos) podem funcionar como barreiras à mudança, permitir um desdobramento mais adaptável do capital de um

setor a outro e liberar as empresas e as energias inovadoras de suas supostas cadeias. Eles argumentam que estas ações estatais podem contribuir para a preservação ou valorização das forças competitivas.

Aqui também existem alguns elementos positivos para os trabalhadores devido a esses deslocamentos; mas a flexibilidade obtida desta maneira devido às ações do Estado tem facilitado na maioria das vezes a fusão e aquisição de corporações, abaixo do patrimonial (tomando posse de empresas subavaliadas e vendendo os ativos em partes) e a diversificação corporativa (por exemplo, o capital financeiro move-se para permitir aos produtores de aço se moverem para o petróleo ou seguros) - onde todos diminuem os investimentos na atividade produtiva e levam à supressão maciça de benefícios trabalhistas. Esse movimento permitiu também ao capital liberar-se de suas responsabilidades sociais não só no local de trabalho (considerar o recente recorde funesto no seguro saúde e de periculosidade) mas também na comunidade onde ele opera. O peso do campo social foi retirado das costas das "corporações e empresários" ao invés de ter sido retirado das costas do "povo". Aqui também os socialistas devem procurar caminhos progressistas para introduzir a flexibilidade na administração estatal rígida e burocrática - sem dar liberdade aos capitalistas e às corporações para fazerem o que desejarem sem uma ação reguladora do governo.

Nível 4: A quarta dimensão da nova flexibilidade é a mobilidade geográfica, cujo alcance abrange fenômenos locais tais como telecomunicação, trabalho doméstico e separação geográfica das distintas funções de secretaria por um lado e, por outro, a dispersão da manufatura de componentes e até assembleias finais em todos os cantos do globo. Enquanto a imagem da hiper-mobilidade do capital pode ser exagerada (embora não muito no caso do capital financeiro e da moeda especulativa), não há dúvida de que a diminuição dos custos de transporte abriu escolhas para espaços antes impossíveis. Esse poder de mobilidade tem sido aumentado pela redução de barreiras institucionais através da formação de um sistema financeiro global desordenado e a emergência de novas configurações territoriais, tais como a Comunidade Econômica Euro-

péia, que permite o fluxo livre de capital. Enquanto tais mudanças possam em certos casos trazer capital mais que necessário e oportunidades de emprego no mundo em desenvolvimento, para a maior parte eles exacerbaram o desenvolvimento geográfico desigual - produzindo simultaneamente o "subdesenvolvimento" onde ele previamente não existia e desindustrializando muitas regiões capitalistas avançadas (tais como o assim chamado Rust Belt ou Cinturão Podre dos EUA).

Essas diferentes formas de flexibilidade são empregadas em diferentes combinações e contextos. A mobilidade geográfica, por exemplo, permite aos capitalistas buscar espaços desregulados com mercados de trabalho mais flexíveis, permitindo-lhes adquirir maior flexibilidade nos processos produtivos. Em outros casos, por exemplo no Japão, os capitalistas podem introduzir a flexibilidade na produção sem recorrer a tais medidas como dispersão da produção, através do uso do trabalho temporário ou de tempo parcial ou movendo-se à produção de pequena escala.

É importante reconhecer que a flexibilidade não é um conceito novo: os capitalistas sempre a tinham em mente e a avaliavam. O que aconteceu desde os primórdios da década de 70, no entanto, foi um deslocamento geral e substancialmente bem sucedido da estratégia de classe capitalista, onde o objetivo da crescente flexibilidade em todos os níveis acabou sendo, como vimos, o motor da acumulação capitalista. Quero também insistir que a flexibilidade tem pouco ou nada a ver com a descentralização tanto do poder político como econômico e tudo a ver com a manutenção do controle altamente centralizado *através de táticas descentralizadoras*. As últimas décadas testemunharam um aumento na concentração do capital multinacional; a diferença é que este poder está agora cada vez mais organizado através de redes de firmas e atividades aparentemente autônomas.

O pós-modernismo

O segundo debate que, se for descrito de forma correta, poderá contribuir de forma significativa para esclarecer algumas questões-chaves da política socialista é o debate sobre o pós-modernismo. Essa discussão tem sido quase que

Observadores mais atentos da cena capitalista desde os anos 70 admitem que algo importante ocorreu na organização capitalista de produção, consumo e acumulação.

inteiramente confinada ao âmbito do que eu chamei produtores da cultura de massa. Enquanto sindicalistas, pais solteiros e um grande contingente de instituições populares estão profundamente preocupados com o assunto da flexibilidade, eles têm pouco ou nenhum conhecimento ou interesse nos assuntos debatidos sob o título de pós-modernismo.

Se o pós-modernismo tem algum efeito sobre suas vidas, ele ocorre tangencialmente, quando toca nos comportamentos da cultura de massa (ecletismo de gostos, a imigração da classe média alta para a periferia das cidades, a expansão do estilo de vida yuppie) e são expostos aos produtos da cultura de massa através da publicidade, cinema, arquitetura, música, etc. Mesmo então, a maioria do povo que não faz parte da massa cultural não distinguirá o pós-modernismo como um estilo específico ou independente dentro do mundo indiferenciado do consumo novelístico.

Sob tais condições, alguns podem argumentar que o pensamento pós-moderno dentro da cultura de massa não tem nenhum interesse geral. Creio que ele é significativo nos três níveis a seguir:

Nível 1: A produção de imagens e "discursos" a que o pensamento pós-moderno atrai nossa atenção é uma faceta importante da reprodução e transformação de qualquer ordem social. O pós-moderno abrange imagens efêmeras, eventos tipo espetáculo, tradições "inventadas" e heranças de todo tipo, e a perpétua novidade no domínio da produção cultural merece ser entendido. Em particular, os socialistas devem responder à rápida penetração do capital na produção cultural e da imagem e à utilização de imagens altamente móveis (incluindo o

O que aconteceu desde os primórdios da década de 70, no entanto, foi um deslocamento geral e substancialmente bem sucedido da estratégia de classe capitalista, onde o objetivo da crescente flexibilidade em todos os níveis acabou sendo, como vimos, o motor da acumulação capitalista.

bandeira pós-moderna. Penso que é justo afirmar que estes esforços para apresentar várias formas de gênero, raça, etnia ou opressão religiosa têm sido mais bem sucedidos na cultura de massa que em muitos outros segmentos da sociedade. O problema é que estes combates têm sido abordados dentro de um contexto de classe relativamente homogêneo, onde questões de opressão de classe, ainda que sempre presentes na agenda, por razões políticas, não são de modo algum sentidas com a força que deveriam ser, digamos, entre as mulheres operárias nas Filipinas ou no México. Além disso, de modo algum é claro quais objetivos de longo prazo tais lutas possuem face à libertação de um ou outro grupo para "fazer suas coisas próprias".

O pós-moderno introduziu solidamente na cultura de massa o tratamento da diferença e da alteridade na agenda política, não como algo a ser acrescido como mais uma categoria fundamental marxista, como classe e forças produtivas, mas algo que deve ser onipresente desde o início sem um esforço de compreensão da dialética da mudança social. A tarefa de incorporar tais aspectos de organização social, como raça, gênero, orientação sexual, religião e etnicidade dentro do arcabouço todo da análise do materialismo histórico (com sua ênfase no poder da moeda e da circulação do capital) e política de classe (com sua ênfase na unidade fundamental na luta emancipatória) é uma das mais profundas mudanças no pensamento socialista do presente.

Nível: Existe um bocado de discussão no debate pós-modernista sobre como e porque as dimensões de tempo e espaço têm importância. Esses debates têm revelado em que extensão o tempo e o espaço são construções sociais - a hora, por exemplo, foi uma invenção do século XIII e o minuto e o segundo adicionados no século XVII - e têm mostrado que construções sociais diferentes de tempo e espaço alteram materialmente o como pensamos sobre a ação social. O mercado opera tipicamente no sentido de maximizar o lucro num dado lugar num horizonte temporal definido pela taxa de desconto, mas isso faz pouco sentido do ponto de vista ecológico, onde o aquecimento global nos próximos séculos dever ser levado em conta. Além do mais, processos sociais que trabalham dentro do capitalismo estão sistematicamente

reordenando nosso sentido de tempo e espaço. As telecomunicações e o turismo de massa, por exemplo, mudam nossa maneira de pensar o funcionamento do mundo e assim alteram nossa contextualização da ação social. O pensamento socialista sobre espaço e tempo tem sido notoriamente fraco: esse terreno do debate aberto pelo pós-modernismo merece consideração cuidadosa. Isso sugere, em particular, que o materialismo histórico poderia tornar-se muito mais geográfico em sua aplicação.

Mesmo os mais ardentes admiradores do pós-modernismo admitem que ele é um amontoado confuso de assuntos. Embora boa parte seja irrefletido e reacionário, vergonhosamente comercial e superficial, há aspectos importantes que todo socialista deveria levar a sério:

A condição da pós-modernidade

Assim, então, como esses dois debates podem ser situados um com respeito ao outro? Este foi o assunto que eu pensei em discutir longamente em *A Condição Pós-Moderna*. Aieute nteci mostrar como a conexão pode ser feita entre o modo pelo qual as inovações capitalistas têm modificado tanto a administração material como a experiência cultural do espaço e do tempo. A busca da redução do tempo de retorno na produção, sempre um assunto crucial na maximização do lucro capitalista, é parte do que está por trás da volta à flexibilidade. Mas a aceleração na produção engendra uma aceleração paralela na troca (mercantil e bancária) e no consumo. Uma das primeiras aplicações comerciais do pós-modernismo tem sido reduzir o tempo de retorno na moda e nos modismos e devotar recursos crescentes à produção de imagens (que tem a vantagem, comparada a facas e garfos ou carros, de possuir em geral um tempo de consumo instantâneo). A busca para aniquilar o espaço através do tempo, para apropriar-se de uma das frases favoritas de Marx, tem sido também uma longa parte da estratégia capitalista de abrir novos mercados, novos suprimentos de trabalho e novos recursos de matéria-prima, bem como dar novas configurações espaciais à produção, troca e consumo. A demolição e reorganização das barreiras espaciais têm sido um dos meios principais pelos quais o capitalismo sustentou-se no século XX.

Mas a mudança de construção so-

marketing de personalidades políticas, partidos e posições). Assuntos estéticos e culturais e as condições de sua produção e consumo merecem a maior atenção. Por exemplo, a esquerda comunista gerou nos anos 30 um teatro maravilhoso, mas os nazistas produziram um espetáculo político muito mais efetivo. A revolução, assinalou uma vez Lenin, é o festival do povo, e a esquerda não pode tornar os espetáculos em grandioso empreendimento como os Jogos Olímpicos de Los Angeles e inúmeros outros eventos "etiquetados" que se tornam um veículo genuíno para abastecer e celebrar ideologias de direita. Os socialistas têm sido bastante desconfiados com o que eles consideram como imagens falsas e ilusórias produzidas sob condições de comercialização grosseira. Enquanto os meios de comunicação de massa permanecem em mãos da burguesia, as tarefas de educação e agitação socialistas tornam-se duplamente difíceis.

Nível: Em anos recentes, a massa cultural tem perseguido toda uma hoste de batalhas políticas e ideológicas que tem um significado geral: anti-racismo, feminismo, lutas referentes à identidade étnica, tolerância religiosa, descolonização cultural e semelhantes.

Porque o pós-modernismo é associado com a democratização da voz na cultura de massa, muitas das lutas contra uma fonte cultural de autoridade e poder (por exemplo, branco, masculino, elitista e protestante) foram englobadas sob a

*O pensamento socialista
sobre espaço e tempo tem
sido notoriamente fraco:
esse terreno do debate
aberto pelo pós-modernismo
merece consideração
cuidadosa.*

cial do espaço e tempo como resultado de uma busca impaciente do lucro criou problemas severos de identidade: a qual espaço pertence eu individualmente? Eu expresso minhas idéias de cidadão na minha vizinhança, cidade, região, nação ou mundo? Este é um tipo de questões que estão sendo colocadas pelo menos em parte da retórica pós-modernista, mesmo que as respostas (por exemplo, a aceitação passiva da fragmentação) seja claramente falsa. Além disso, há conexões fortes entre a produção cultural e a experiência de mudança no espaço e tempo na cultura de massa. Enquanto o pós-modernismo tem exercido algum papel em promover a acumulação flexível, esta última tem alterado radical-

mente as condições de vida, particularmente no senso de espaço e tempo, de tal modo que cria um contexto inteiramente novo para a produção cultural. É preciso situá-lo desse modo, sem diminuir de modo algum a importância das atividades dos produtores culturais, mas para insistir que esses produtores, como todos nós, não existem num vácuo social ou político, mas numa relação social definida num contexto mais amplo. Os intelectuais que trabalham em universidades, por exemplo, estão se enfrentando com os tempos de retorno muito mais curtos no domínio das idéias e pressões muito mais fortes para aumentar sua produção com relação aos anos 60. Conseqüentemente, a vida acadêmica tornou-se muito mais vulnerável a idéias "da moda", vendidas como utilidades.

O movimento socialista deve agarrar-se a estas condições modificadas enquanto ao mesmo tempo tem em mente que elas são elaborações e desenvolvimentos ulteriores do sistema capitalista, que mantêm suas características essenciais. Mudanças na aparência superficial são importantes para a estratégia política. Mas elas não devem desconhecer jamais as características fundamentais do capitalismo como sistema social: exploração organizada e opressão, acumulação insensível com o propósito de acumulação, produção pela produção e um implacável saque do ambiente.